

O mito de Putin

Kathryn Stoner

Kathryn Stoner é pesquisadora sênior e diretora do Centro de Democracia, Desenvolvimento e Estado de Direito do Instituto Freeman Spogli, professora (honorária) de ciência política na Universidade de Stanford e pesquisadora sênior (honorária) da Hoover Institution.

Se a Ucrânia se tornou a cabeça-de-ponte (*beachhead*) da democracia global, então a Rússia é a vanguarda da autocracia moderna. Durante os 23 anos de Vladimir Putin no poder, o sistema de governo russo regrediu de uma política aberta e tumultuada sob seu antecessor, Boris Yeltsin (1991-99), para uma autocracia altamente repressiva e personalista, que ameaça não apenas seus vizinhos imediatos, mas, cada vez mais, seus próprios cidadãos. Obviamente, a guerra da Rússia contra a Ucrânia deve ser entendida, em primeiro lugar, como um ataque aos ucranianos. Mas também encerrou definitivamente o processo de liberalização da política dentro da própria Rússia — um processo que começou sob Mikhail Gorbatchov (1985–1991), antes do colapso da União Soviética, em 1991. O autoritarismo que a princípio se desenvolveu gradualmente sob Putin e se aprofundou ao longo do tempo intensificou-se dramaticamente desde que a Rússia invadiu a Ucrânia, em 24 de fevereiro de 2022. A Economist Intelligence Unit (EIU) relata que a Rússia sofreu “o maior declínio democrático de qualquer país

*Publicado originalmente como “The Putin Myth”, *Journal of Democracy*, Volume 34, Number 2, April 2023 © 2023 National Endowment for Democracy and The Johns Hopkins University Press.

do mundo” em 2022, caindo 22 posições para o 146º lugar (pouco à frente da Venezuela) entre 167 países no Índice Global de Democracia da EIU.¹ O que levou ao aprofundamento do autoritarismo na Rússia, e por que a guerra na Ucrânia acelerou dramaticamente essa trajetória?

Até recentemente, *acreditava-se* que autocracias modernas, como a Rússia de Putin, a Hungria de Viktor Orban, ou a China de Xi Jinping, exerciam controle sobre seu povo, pelo menos em parte, por meio da manipulação de crenças e percepções sobre o mundo: “em vez de reprimir duramente, os novos ditadores manipulam informações. Como gestores de imagem (*spin doctors*) em uma democracia, eles manipulam as notícias para angariar apoio”.² Por um longo período na Rússia, essa prática libertou o regime de Putin da dependência excessiva da repressão patrocinada pelo Estado (que pode ser desordenada, cara e menos eficaz) para incutir medo e promover passividade na população.

O pressuposto aqui é que a *qualidade* real da governança autocrática é menos importante para manter o regime do que a manipulação das *percepções* da sociedade sobre sua qualidade. Se o regime pode usar seu controle sobre a informação para manter o mito da competência autoritária (e até cerca de 2008, o governo de Putin conseguia sustentá-lo com aumentos reais no PIB, na renda e no padrão de vida) e fabricar apoio popular ou, pelo menos, garantir a passividade dos cidadãos, então não deveria ser preciso forçar seus cidadãos a se submeter ao Estado. Mas o caso russo sob Putin mostra que a persuasão e a censura têm um limite: quando o mito da competência autoritária se depara com a realidade da competência em declínio. Em última análise, para sobreviver, um autocrata recorre à recombinação do equilíbrio entre a manipulação e o medo, em favor do medo.

Desde 2012, à medida que a qualidade da governança na Rússia declinava, o regime vinha confiando, de maneira progressiva, mas constante, menos em persuadir e mais em gerar medo entre a população — uma tendência que se acelerou diante dos fracassos militares

russos do último ano na Ucrânia. Por ser imperativo que o povo russo não descubra quão mal a campanha está se desenrolando, o Kremlin agora demanda censura total das notícias. O regime introduziu penalidades draconianas para desencorajar as pessoas de agir caso notícias sobre as perdas russas na Ucrânia se espalhem e despertem a ira popular. Atividades que eram legais um ano atrás, hoje são puníveis com pesadas multas, prisão ou coisa pior.

A evolução da autocracia russa

Paralelamente às mudanças na natureza do regime de Putin, surgiu uma sucessão de termos para capturar o espírito do “Putinismo” — “democracia gerenciada”, no início de seu segundo mandato presidencial (2004-2008), “autoritarismo competitivo” com uma economia política “cleptocrática”, “autocracia personalista, conservadora e populista” e, após 2012, simplesmente “ditadura”.³ O sistema político da Rússia sob Putin claramente não começou em 2000 como uma autocracia repressiva plena; pelo contrário, foi se endurecendo ao longo do tempo e agora solidificou-se em uma forma especialmente repressiva de autoritarismo, à medida que os fracassos militares na Ucrânia minam o mito da competência administrativa do regime. A trajetória do declínio da Rússia até um autoritarismo cada vez mais duro sob Putin foi inicialmente furtiva e realizada por meio de uma erosão incremental que teve início pouco depois de sua ascensão à Presidência da Federação Russa, em 2000. As medidas incluíram o aumento do número de cargos de livre provimento em vez de eleitos livremente, a restrição gradual das liberdades de imprensa e a substituição do que já era um sistema frágil de império *da* lei (Estado de direito) por um império *pela* lei — usada contra oligarcas rebeldes no início dos anos 2000 e, depois, contra figuras da oposição, com brutalidade crescente.

Programas de liberalização política e econômica foram parcialmente retomados após 2008, quando Putin trocou o cargo de presidente pelo de primeiro-ministro com o leal (e agora maniacamente nacionalista) Dmitri Medvedev. Mas após o retorno de Putin à Presidência em 2012, restrições às liberdades civis, à tolerância com a oposição política em sentido amplo, à mídia independente e ao controle rigoroso do Judiciário sobre atos do Executivo foram retomadas com maior intensidade. O ataque à oposição liberal acelerou dramaticamente em janeiro de 2021 com a prisão de Alexei Navalny, subseqüentes repressões às manifestações públicas contra o regime e, por fim, em dezembro daquele ano, o fechamento da organização de defesa dos direitos humanos mais antiga da Rússia, a Memorial, fundada em 1987 durante a campanha da *perestroika* de Gorbatchov.⁴ Nas semanas e meses que se seguiram à invasão russa da Ucrânia em fevereiro de 2022, praticamente todas as fontes de mídia independentes russas fecharam ou se exilaram quando suas lideranças enfrentaram prisão certa. O Estado impôs pesadas multas e depois passou a prender qualquer pessoa que criticasse a “operação militar especial” na Ucrânia. A sociedade civil russa foi amplamente silenciada, com a suposta prisão de quatorze mil manifestantes nas semanas seguintes à invasão. Em resumo, o experimento modernizador e liberalizante que foi semeado por Gorbatchov e que brotou sob Yeltsin, murchou e agora morreu sob Putin. Quem ou o quê é o culpado?

Historiadores afirmam que não devemos nos surpreender com o fato de a Rússia ter regredido a uma autocracia repressiva e que isso não é o resultado de uma má governança, mas do solo pobre em que as sementes da democracia foram plantadas. Dada a inexperiência da Rússia com o liberalismo, além de sua industrialização tardia e sete décadas de comunismo, não devemos nos perguntar por que motivo sua transição para uma política mais liberal fracassou, mas por qual razão acreditávamos que ela teria sucesso. Estatisticamente, como ob-

servaram Barbara Geddes e seus coautores, a maioria das autocracias transita para diferentes formas de autocracia e não para um governo representativo e responsável.⁵

No entanto, houve exceções — Coreia do Sul e Taiwan, por exemplo. E a Rússia, após o colapso soviético, possuía muitos dos ingredientes considerados importantes para o desenvolvimento econômico e político, o que, teoricamente, deveria ter lhe dado chances razoáveis de sucesso. Em 1992, quando teve início a era das reformas sob Yeltsin, a política da elite era competitiva e os políticos pareciam comprometidos com os processos e as instituições de um governo representativo, especialmente após a reformulação do sistema político em uma nova Constituição, em 1993.

Em termos de disposição social para a mudança, a Rússia há muito possui uma população comparativamente bem-educada e uma sociedade civil mobilizada, que, ao longo dos anos, saiu às ruas aos milhares para protestar contra as políticas do governo. Em 1997, o PIB da Rússia cresceu pela primeira vez desde 1991 e, em 2008, o país estava acima do limiar geralmente considerado necessário para uma transição para um governo aberto. Além disso, conforme a teoria da modernização de Seymour Martin Lipset teria previsto, foi a nova classe média da Rússia que se manifestou em massa em 2011 e 2012 contra o retorno de Putin à Presidência da Rússia. E foi a classe média que voltou às ruas repetidas vezes para se manifestar contra a corrupção, o afastamento de funcionários públicos eleitos sem o devido processo legal e mudanças em políticas públicas, como a proposta de aumento da idade de aposentadoria e reduções nos benefícios sociais.

De fato, ainda era possível realizar protestos em massa em janeiro de 2021, quando dezenas de milhares de russos protestaram contra a prisão de Navalny e, mais tarde, entre o final de fevereiro e o início de março de 2022, quando as pessoas saíram às ruas para denunciar a invasão da Ucrânia. Em resposta, Putin intensificou a repressão contra

a oposição e a elite social, em vez de recuar ou suavizar suas políticas — ao contrário das expectativas de alguns analistas de que ele seria constrangido de realizar mudanças radicais em políticas (como uma invasão em larga escala da Ucrânia), talvez indicando que Putin não é um “homem forte” tão “fraco” assim.⁶

Outra explicação comum oferecida por cientistas políticos é a dependência russa do petróleo, grande impulsionador de sua economia. De fato, os abundantes recursos naturais da Rússia aumentaram dramaticamente em valor no início e meados dos anos 2000 e a economia do país cresceu rapidamente. No entanto, não podemos culpar o aprofundamento da autocratização sob Putin pela maldição dos recursos naturais.⁷ Embora a situação econômica da Rússia tenha claramente se beneficiado dos booms de petróleo e gás, o lucro econômico da venda desses recursos não amaldiçoou (pelo menos por si só) sua trajetória política. Evitando algumas das patologias tradicionais da maldição dos recursos naturais (alta dívida em relação ao PIB, por exemplo), as receitas de petróleo e gás da Rússia foram direcionadas para um fundo soberano para suavizar o inevitável ciclo de altos e baixos dos preços internacionais de petróleo e gás. De maneira similar, pelo fato de a Rússia ter herdado do período soviético uma verdadeira base de manufatura — que foi privatizada, amplamente reformada e até lucrativa em muitos setores —, o país evitou um caso grave de “doença holandesa” (quando o crescimento de setores ligados aos recursos naturais causa declínio em outros setores).

Embora a Rússia não produzisse bens de consumo de alta qualidade, fabricava coisas como equipamentos bélicos de alta tecnologia, máquinas industriais pesadas e alumínio, por exemplo. O país também não sofreu com desemprego massivo e possuía um setor agrícola moderno e produtivo (em contraste com a agricultura da era soviética). Em 2017, a Rússia se tornou a maior exportadora mundial de trigo e um dos principais produtores de fertilizantes — essenciais para a

produção agrícola global. Mesmo sob duras sanções em 2014, altos níveis de grande corrupção e um capitalismo de compadrio robusto, a economia russa continuou a crescer, ainda que de maneira cambaleante — nunca igualando as altas taxas de crescimento de 2003 a 2008, apesar do aumento dos preços do petróleo. Mas, ainda que a Rússia tenha escapado da maldição dos recursos naturais, o desenvolvimento político requer mais do que apenas crescimento econômico

Alguns analistas apontam para os tempos de Putin na KGB para argumentar que a regressão da Rússia a uma autocracia era inevitável sob o comando de um líder com pedigree profissional em espionagem na Guerra Fria. Essa perspectiva ignora os primeiros anos de Putin como presidente.

e uma sociedade civil educada e mobilizada. Embora essas variáveis possam certamente ajudar, infelizmente não são garantia de liberalização política ou de transição para a democracia.

Além das variáveis socioeconômicas internas, talvez fatores externos tenham contribuído para a regressão da Rússia a uma autocracia cada vez mais profunda. A Rússia de Putin liderou ou

acompanhou a transição global em direção ao autoritarismo que começou por volta de 2006?⁸ Certamente, não ficou imune aos fatores internacionais que ajudaram a reverter a “terceira onda” de democratização que começou no sul da Europa em meados dos anos 1970 e se espalhou pelo Oriente após o colapso do comunismo. Fatores como a crise econômica global de 2008, a desastrosa guerra dos EUA no Iraque, a crescente polarização política e a ascensão da extrema direita nos Estados Unidos e na Europa prejudicaram a atratividade dos modelos ocidentais de sociedades democráticas, tolerantes e pluralistas. No entanto, quando Donald Trump assumiu a Casa Branca em 2016, a Rússia de Vladimir Putin já havia se afastado decisivamente do caminho da liberalização política.

Alguns analistas podem apontar para a falta de apoio internacional à transição da Rússia do comunismo nos anos 1990. Afinal, não houve um Plano Marshall (que ajudou na recuperação da Alemanha e da Europa Ocidental após a Segunda Guerra Mundial) para a Rússia e os outros antigos estados comunistas no final da Guerra Fria. Mas os paralelos entre a Rússia dos anos 1990 e a reconstrução da Alemanha após a derrota de Hitler são, na melhor das hipóteses, imperfeitos. A Rússia pós-Guerra Fria surgiu das cinzas do comunismo — um sistema de governo e econômico que havia fundamentalmente fracassado.

Líderes comunistas da Europa Oriental e dos quinze Estados da antiga União Soviética (incluindo a Rússia) não foram massacrados, subjugados e ocupados no pós-guerra; em muitos casos, foram removidos do poder por seus próprios cidadãos por meio de eleições abertas e golpes da elite. Os sistemas político e econômico desses Estados não foram reconfigurados por cláusulas rigorosas de tratados impostos pelos vencedores de uma guerra mundial. A Rússia também não foi despojada de seu poder militar, como a Alemanha de Weimar (outra comparação popular) havia sido após a Primeira Guerra Mundial. A Rússia não recebeu uma pesada dívida imposta pelos vencedores da Guerra Fria — de fato, algumas de suas dívidas foram perdoadas e a maioria foi paga até o início dos anos 2010, senão antes, quando sua economia crescia. Nos cinco anos anteriores à crise econômica global de 2008, o PIB da Rússia havia crescido a uma taxa anual de cerca de 7% — não exatamente o cenário da Alemanha do período entreguerras ou do pós-guerra.

Por fim, alguns analistas apontam para os tempos de Putin na KGB para argumentar que a regressão da Rússia a uma autocracia era inevitável sob o comando de um líder com pedigree profissional em espionagem na Guerra Fria.⁹ Essa perspectiva ignora os primeiros anos de Putin como presidente. Ele nem sempre classificou o Ocidente liberal como inimigo ou o usou para justificar repressão interna. De

fato, Putin foi um dos primeiros líderes internacionais a ligar para o então presidente dos EUA, George W. Bush, em 11 de setembro de 2001 e expressar seus pêsames.¹⁰ Putin também se comprometeu a trabalhar com os Estados Unidos no combate ao terrorismo global. E houve períodos de estreita cooperação entre a Rússia, os Estados Unidos e a União Europeia ao longo dos anos 2000. Mais tarde, durante a Presidência de Dmitri Medvedev, enquanto Putin servia como primeiro-ministro e, portanto, estava ciente e presumidamente endossava a política do país, a Rússia permitiu que os Estados Unidos levassem tropas e suprimentos ao Afeganistão através do território russo pela Rede de Distribuição do Norte. Além disso, Rússia e Estados Unidos assinaram o acordo de controle de armas nucleares New START em 2010 (e o estenderam em 2021), e Alemanha, Rússia, Estados Unidos e Reino Unido assinaram o Plano de Ação Conjunto Global sobre o programa nuclear do Irã em 2015.

Essa está longe de ser uma lista exaustiva das áreas nas quais os Estados Unidos e a Rússia colaboraram até os primeiros anos do terceiro mandato presidencial de Putin. É, no entanto, suficiente para demonstrar que a postura de Putin em relação ao Ocidente nem sempre foi adversária e que ele evidentemente nem sempre acreditou — apesar de seu histórico na KGB — que a democracia liberal e a cooperação com o Ocidente eram ruins para a Rússia. Novamente, a regressão a uma autocracia altamente repressiva, iliberal e antiocidental não foi imediata nem linear — aconteceu em etapas e acelerou-se rapidamente em 2021, aprofundando-se abruptamente em 2022, após a invasão da Ucrânia.

O mito da competência autoritária

Se nenhum desses argumentos frequentemente repetidos explica satisfatoriamente o aprofundamento da autocracia russa, o que ex-

plica? Vladimir Putin assumiu a Presidência da Federação Russa em 2000 prometendo restaurar a ordem social, política e econômica após a difícil década de reformas que se seguiu ao colapso da União Soviética em dezembro de 1991. Prometendo uma “ditadura da lei”, o foco inicial de Putin foi na reconstrução da capacidade e competência do Estado russo. De acordo com Adam Przeworski, isso foi, por um tempo e até certo ponto, uma resposta à demanda popular em busca de sua aceitação — “qualquer ordem é melhor do que a desordem”.¹¹ Aleksandar Matovski argumentou, de forma convincente, que a maioria dos russos expressava consistentemente uma clara preferência por ordem e estabilidade.¹² Mas foi isso que o regime de Putin proporcionou? E teria a guerra na Ucrânia minado ainda mais a crença das pessoas em sua competência básica?

Para entender por que muitos russos no início dos anos 2000 pareciam estar dispostos a tolerar uma autocracia competente (embora ainda relativamente branda), é útil lembrar que, imediatamente após o colapso soviético, o governo de Boris Yeltsin enfrentou uma agenda política extraordinariamente extensa. A ressaca de setenta anos de comunismo e cinco anos de esforços erráticos de reforma de Mikhail Gorbachov deixou o novo governo com um déficit orçamentário estimado conservadoramente em um quinto do PIB, a ameaça da hiperinflação, a recessão mais profunda fora de tempos de guerra, escassez crônica em toda a economia, praticamente nenhuma reserva estrangeira e crescentes obrigações de empréstimos internacionais. O novo Estado russo enfrentou uma ameaça real de fome e falência.¹³

O poder do regime seria fortalecido por uma nova narrativa de legitimidade — apoiando-se no mito histórico de uma grande Rússia que, como em séculos passados, estava mais uma vez sob o cerco de um inimigo poderoso, empenhado em destruir a nação russa: “o Ocidente”.

Ao mesmo tempo, Yeltsin teve que construir o arcabouço institucional de uma economia de mercado — incluindo um amplo programa de privatização de propriedades e empresas estatais; criação de mercados de ações, de seguros e imobiliário; um rublo conversível; e um arcabouço regulatório que protegesse consumidores, direitos de propriedade e transações no novo ambiente de mercado. Yeltsin carecia de um conjunto de parceiros políticos cooperativos no Soviete Supremo (a mais alta instância do Poder Legislativo), que ele dissolveu com tanques em 1993. Seu governo escreveu uma nova Constituição sob intensa pressão e, ainda assim, a “oposição leal” que ele enfrentaria na recém-criada Duma foi dominada pelo Partido Comunista da Federação Russa — colaboradores pouco dispostos a estabelecer um sistema político e econômico mais aberto. A agitação social que se seguiu era previsível, talvez, mas não inevitável.

Na década seguinte, no entanto, a Rússia avançou muito no caminho da modernização econômica e social. Apesar da crescente propensão de Putin a usar recursos públicos para benefício próprio e de seus aliados, a economia russa melhorou. Com uma boa política macroeconômica, uma presidente do Banco Central inteligente e surpreendentemente independente, e os altos preços globais ajudando suas exportações, na época da invasão da Ucrânia de 2022, a Rússia havia pagado suas dívidas herdadas, acumulado reservas internacionais consideráveis e conseguido manter grande parte do superávit orçamentário.

No entanto, o cenário vinha ficando mais sombrio nos anos que antecederam a invasão. Os salários reais estavam caindo, a desigualdade estava aumentando e o investimento estrangeiro havia caído para níveis inéditos desde 2003. É certo que a pandemia de Covid-19 teve algum papel nisso, mas também anos de governo cleptocrático e clientelista.¹⁴ Ainda assim, os russos estavam vivendo por muito mais tempo e muito melhor do que durante o colapso da União Soviética em 1991, ainda que não tão bem quanto as pessoas na maioria dos outros

países pós-comunistas.¹⁵ Em paridade de poder de compra, o PIB per capita da Rússia atingiu o pico em 2019, chegando a US\$ 29.967, pouco abaixo da Polônia e de Portugal. Mas, diante das sanções impostas pelos Estados Unidos e aliados europeus após a anexação da Crimeia em 2014, o crescimento econômico anualizado da Rússia foi pouco expressivo: 2,1%.¹⁶ A bolha de crescimento que impulsionou os índices de aprovação pública de Putin em seus primeiros anos no poder e gerou o mito da competência havia estourado há muito tempo.

Mudando a narrativa

Com o tempo, a narrativa da competência que Putin havia estabelecido durante seus dois primeiros mandatos presidenciais foi sendo progressivamente minada à medida que a qualidade da governança piorava. Enquanto as elites russas (incluindo, é claro, o próprio Putin) enriqueciam com o uso de recursos públicos para ganhos privados, o mesmo não acontecia com a maioria dos trabalhadores russos. Apesar de algumas políticas macroeconômicas em 2009 terem habilmente evitado que a recessão global de 2008-2009 atingisse ainda mais duramente a economia, os russos não mais viam sua renda real dobrar ou triplicar como anteriormente. De fato, a renda real na Rússia encolheu de maneira constante entre 2009 e 2022.

Sem um forte desempenho econômico para sustentar o mito da competência autocrática, o Kremlin lançou uma nova fase de repressão social crescente logo após o início do terceiro mandato presidencial de Putin, em 2012. À medida que sua aprovação pública diminuía, o Kremlin introduziu mais mecanismos de repressão. Isso incluiu emendas às leis que regulamentam organizações não governamentais (ONGs), exigindo que aquelas que aceitassem doações estrangeiras e fossem classificadas como envolvidas em atividades políticas se registrassem no Ministério da Justiça como “agentes estrangeiros” — um

termo da era soviética com conotação política, associado na Rússia à espionagem. Como havia poucas fontes alternativas de financiamento para muitas ONGs russas, especialmente aquelas que atuavam na proteção dos direitos humanos e liberdades civis contra abusos do Estado, na prática isso significava o encerramento das atividades.

Em segundo lugar, o Estado de direito reprimiu duramente os manifestantes que haviam protestado legalmente em maio de 2012 contra a reeleição de Putin. Acusados de incitar a violência, muitos jovens que haviam sido vítimas da brutalidade policial receberam longas penas de prisão. Para tornar a organização dos protestos mais difícil, as autoridades frequentemente prendiam líderes da relativamente pequena oposição liberal da Rússia, mesmo quando protestavam legalmente contra políticas do regime.

Em terceiro lugar, após 2012, o regime procurou desmobilizar elementos de inclinação liberal da sociedade russa. Isso é algo importante para entendermos a aceleração e o aprofundamento da autocracia de Putin. Além de um aumento do controle social e da repressão explícita, o poder do regime seria fortalecido por uma nova narrativa de legitimidade — apoiando-se no mito histórico de uma grande Rússia que, como em séculos passados, estava mais uma vez sob o cerco de um inimigo poderoso, empenhado em destruir a nação russa: “o Ocidente”. Essa narrativa era acompanhada de um apelo ao sentimento nacionalista ortodoxo para proteger a sociedade russa do “outro”, uma figura liberal bastante permissiva socialmente e hostil aos heterossexuais. Embora haja poucas evidências de que Putin seja uma pessoa religiosa, como observou M. Steven Fish, Putin “aproveita a oportunidade de defender a moralidade tradicional, apoiada por líderes religiosos que ele financia, nomeia para cargos públicos e encarrega de reforçar sua legitimidade moral e cultivar sua imagem de alguém que incorpora o espírito nacional”.¹⁷

A nova narrativa de legitimidade do regime classificou as manifestações de rua de 2011–12 contra Putin como o resultado de influências

estrangeiras malignas, e não como verdadeiras expressões de descontentamento de “verdadeiros” russos. Ideias liberais e demandas por eleições livres e justas, segundo essa narrativa, não eram inerentes à nação russa, mas importações nocivas do “Ocidente”. Além de identificar “agentes estrangeiros” dentro das próprias instituições russas, organizações norte-americanas e europeias que se dedicavam ao desenvolvimento econômico ou político na Rússia (incluindo a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional e a Fundação Open Society) foram consideradas “indesejadas” e proibidas de operar na Rússia.

Os protestos de 2011–12 estimularam outra mudança na estratégia do regime: um movimento para mobilizar ativamente e persuadir segmentos da sociedade russa em favor do governo de Putin e desmobilizar aqueles contra ele. Samuel Greene e Graeme Robertson demonstram que os estrategistas de Putin pretendiam enfraquecer o apoio a quaisquer elementos de oposição explorando e destacando questões divisivas na sociedade russa — como religião e direitos dos homossexuais. O chamado caso da banda Pussy Riot exemplifica essa estratégia.¹⁸ Em fevereiro de 2012, o então desconhecido trio punk feminino Pussy Riot realizou uma “oração” anti-Putin (que durou cerca de trinta segundos) no altar da Catedral de Cristo Salvador, no centro de Moscou. As mulheres foram rapidamente condenadas por “arruaça motivada por ódio religioso”, sentenciadas a dois anos de prisão e enviadas para trabalho em campos de detenção. A real consequência do incidente, no entanto, foi a surpreendente cobertura do caso pela imprensa nacional — especialmente as redes de televisão estatais, a fonte de notícias preferida da maioria dos russos. A opinião pública rapidamente consolidou a visão de que a performance foi blasfema e ofensiva à Igreja Ortodoxa Russa. A cobertura de imprensa do julgamento foi implacável, pois “o objetivo era garantir que o maior número possível de russos se sentisse pessoalmente ofendido pelo que a banda Pussy Riot havia feito”.¹⁹

Pouco tempo depois, a Duma aprovou uma lei “sobre a proteção dos sentimentos dos fiéis religiosos”. O apoio popular a essa lei, bem como a outra que proibia a exibição de imagens positivas do “estilo de vida gay” às crianças, que a Duma aprovou pouco tempo depois, serviria para separar os segmentos da sociedade contrários a Putin de uma base de fiéis com valores mais tradicionais. Segundo uma pesquisa da Pew Research de 2013, 74% dos russos achavam que a homossexualidade não deveria ser aceita pela sociedade. Assim, ao adotar leis que estigmatizavam a homossexualidade, o regime estava usando a questão para enfraquecer o apoio ao pluralismo de forma mais geral. Greene e Robertson argumentam que o uso da religião e da sexualidade “como questões divisivas fez exatamente o que foi projetado para fazer: ampliou a divisão ideológica no país entre a maioria pró-Putin e a minoria opositora”.²⁰

Putin, um homem divorciado com filhos de três mulheres diferentes, emergiu como o defensor dos valores familiares tradicionais dentro da Rússia e, depois, globalmente. Ele apresentou a identidade nacional russa como distintamente iliberal, socialmente conservadora e não “anglo-saxã”, em contraste explícito com os Estados Unidos e o Reino Unido. A partir de 2012, o governo usou o suposto ataque à cultura russa pelo Ocidente liberal para justificar ataques às liberdades civis e às forças de oposição, a fim de erradicar a influência estrangeira e todas as formas de apoio à democracia representativa. A Rússia usou a mesma alegação como parte de sua justificativa para tomar a Crimeia em 2014 — que forças estrangeiras hostis estavam assumindo o controle da Ucrânia ao derrubar o presidente pró-Rússia, Viktor Yanukovich. As eleições tornaram-se tão controladas que, no outono de 2021, até os comunistas — por vinte anos, uma oposição leal a Putin — reclamaram de fraude generalizada. E a mídia tornou-se mais controlada, ficando encarregada principalmente de apoiar a narrativa do inimigo às portas da Rússia e dentro dela.

A malsucedida guerra de Putin na Ucrânia arrisca a completa aniquilação do mito da competência autocrática. Em vez de tomar Kiev rapidamente e instalar um regime fantoche, o Exército russo esteve envolvido em um conflito acirrado por mais de um ano. Estima-se que as forças russas tenham sofrido, até agora, cerca de 200.000 baixas, entre mortos, desaparecidos e feridos (mais do que todas as baixas dos EUA durante seus vinte anos no Afeganistão), com uma estimativa sugerindo que 65.000 combatentes russos foram mortos desde fevereiro de 2022. Se correto, isso excederia o número combinado de perdas (mortos e desaparecidos) das guerras desastrosas da União Soviética no Afeganistão (1979–89), das guerras russas na Chechênia (1994–96 e 1999–2009), e dos oito anos de ação militar russa em Donbass de 2014 a fevereiro de 2022.²¹

A economia russa está em recessão e, após doze meses de guerra, seu déficit orçamentário em janeiro de 2023 era quatorze vezes maior do que havia sido no ano anterior. O Ministério das Finanças informou que as receitas orçamentárias de 2022 foram 35% inferiores às de 2021. E em janeiro de 2023, as receitas de petróleo e gás caíram 46% em relação ao ano anterior.²² A Rússia está enfrentando escassez de bens de consumo, com estimativa de queda de 16% nas importações até o final de 2022; as vendas de veículos foram 63,1% menores em janeiro de 2023 do que em janeiro de 2022; e a inflação anualizada para 2022 foi de 13,7%, mais do que o dobro do que em 2021.²³

Os russos tornaram-se párias internacionais em grande parte do Ocidente. A geração inteira daqueles com menos de trinta anos — que não conheceram o comunismo e nunca haviam sido proibidos de viajar para algum lugar — agora está essencialmente aprisionada atrás de uma parede de vidro, olhando para um mundo no qual não são mais bem-vindos. Alguns poucos sortudos (talvez até um milhão de pessoas) fugiram para a Geórgia, Cazaquistão, Turquia e outros lugares para evitar serem enviados para a prisão por dissidência ou evitar o

recrutamento forçado para um Exército corrupto, onde treinamento deficiente e suprimentos insuficientes os aguardam.

Com seu antigo mito de competência seriamente comprometido, Putin teve então que recorrer a um aumento no uso do medo e da força para garantir a submissão da sociedade russa. A nova ideologia do país, agora consagrada na lei russa, são os “valores tradicionais”. Isso parece significar iliberalismo e repressão a qualquer um que discorde.²⁴ Caso isso não se mostre suficiente para manter as massas sob controle, uma Justiça rigorosa as espera. Nos últimos doze meses, o governo russo impôs severas penas para atos tão inofensivos quanto segurar um cartaz em branco em uma rua de Moscou ou de Smolensk. Aqueles que ousam articular qualquer tipo de oposição à “operação militar especial” na Ucrânia (ainda é proibido chamá-la de guerra) correm o risco de perder seus empregos, serem expulsos da escola ou da universidade e receberem multas pesadas. Membros proeminentes da já marginalizada oposição liberal da Rússia, incluindo Vladimir Kara-Murza e Ilya Yashin, já foram condenados a quase uma década em campos de detenção por se oporem abertamente à guerra nas redes sociais. Em julho de 2022, o vereador de Moscou Alexei Gorinov foi condenado a sete anos de prisão por ter simplesmente criticado a invasão. Em janeiro de 2023, a Duma aprovou leis ainda mais duras limitando a dissidência e a oposição.²⁵ Esses não são sinais de uma autocracia forte e capaz, confiante de que pode convencer seu povo de que tudo está bem apenas com “propaganda”.

Por que os russos não se rebelam?

O que tudo isso nos diz sobre a vulnerabilidade do regime de Putin? Embora os índices de aprovação pareçam indicar que ele mantém amplo apoio popular, é difícil interpretar pesquisas em uma autocracia que crescentemente governa não usando a mídia para exaltar sua

competência, mas pelo medo. Nesse contexto, podemos esperar a falsificação de preferências — dizer qualquer coisa em vez do que você realmente pensa — para se manter longe de problemas. No entanto, pesquisas mostram uma lacuna geracional significativa no apoio a Putin e à guerra.²⁶ Também vemos alguns russos se rebelando — protestando abertamente até que o regime os reprima violentamente e votando com os pés ao deixar o país.

Há evidências de que os russos estão expressando descontentamento com o desempenho do regime de outras maneiras. Por exemplo, a parcela de entrevistados que acreditavam que o Exército russo estava se saindo bem na Ucrânia diminuiu constantemente ao longo de 2022: em abril, 68% responderam que o Exército havia sido bem-sucedido ou muito bem-sucedido. Em novembro de 2022, apenas 54% compartilhavam dessa opinião, enquanto 32% (a maior proporção publicada) acreditavam que o Exército russo havia sido pouco ou muito malsucedido na Ucrânia, e 16% não tinham certeza (“não sei dizer”).²⁷ Além disso, a proporção de entrevistados favoráveis a negociações com a Ucrânia supera a daqueles favoráveis à continuidade da ação militar (53% contra 31% em novembro de 2022).

Outros indicadores do sentimento popular, como o humor geral das pessoas, mudaram dramaticamente nos últimos doze meses. Em setembro de 2022, o Centro Levada relatou que a parcela de pessoas que professavam sentimentos positivos era apenas ligeiramente superior àquelas que alegavam sentimentos negativos (52% contra 47%) — a menor desde 2000.²⁸ Juntos, são todos sinais de descontentamento geral com a forma como as coisas estão indo. Essas mudanças de atitude podem fornecer uma melhor noção da confiabilidade ou profundidade do apoio ao regime se as coisas na Ucrânia piorarem para a Rússia, e a provável resposta do regime será endurecer ainda mais as medidas contra a dissidência.

O exemplo russo demonstra a importância de identificar e analisar mudanças na qualidade das autocracias. Isso exige uma melhor compreensão dos motivos pelos quais as autocracias se tornam mais dependentes da repressão violenta do que da construção de uma narrativa informacional de legitimidade e competência. Durante o longo mandato de Putin, a má governança tornou-se generalizada e a autocracia russa se aprofundou. Agora, a tentativa infrutífera da Rússia de assumir o controle da Ucrânia, que Putin descreveu como um “país imaginário”, está desnudando o mito da competência autocrática. Na sua ausência, o regime tornou-se mais desesperado e repressivo.

Notas

1. “The World’s Most, and Least, Democratic Countries in 2022”, 1º fevereiro 2023, www.economist.com/graphic-detail/2023/02/01/the-worlds-most-and-least-democratic-countries-in-2022.
2. Sergei Guriev e Daniel Treisman, *Spin Dictators: The Changing Face of Tyranny in the 21st Century* (Princeton, Nova Jersey: Princeton University Press, 2022), 4.
3. Steven Levitsky e Lucan A. Way, *Competitive Authoritarianism: Hybrid Regimes After the Cold War* (Nova York: Cambridge University Press, 2010); M. Steven Fish, “What Has Russia Become?”, *Comparative Politics* 50 (abril 2018): 327–46; Karen Dawisha, *Putin’s Kleptocracy: Who Owns Russia?* (Nova York: Simon and Shuster, 2014); Samuel A. Greene e Graeme B. Robertson, *Putin v. The People: The Perilous Politics of a Divided Russia* (New Haven: Yale University Press, 2019); Mikhail Zygar, *All the Kremlin’s Men: Inside the Court of Vladimir Putin* (Nova York: PublicAffairs, 2016); Andrei P. Tsygankov, “The Managed Democracy” cap. 10 in *The Strong State in Russia: Development and Crisis* (Nova York: Oxford University Press, 2014); e Brian D. Taylor, *The Code of Putinism* (Nova York: Oxford University Press, 2018).
4. O próprio Gorbatchov fez apelos públicos ao Gabinete do Procurador-Geral da Rússia para retirar o processo que liquidaria a Memorial em 18 novembro 2021; ver www.gorby.ru/presscenter/news/show_30300. A Memorial foi uma das laureadas com o Prêmio Nobel da Paz em 2022 por seu trabalho de documentação dos abusos de direitos humanos nos períodos soviético e pós-soviético. Gorbatchov recebeu o prêmio em 1990.
5. Barbara Geddes, Joseph Wright, e Erica Frantz, “Autocratic Breakdown and Regime Transitions: A New Data Set”, *Perspectives on Politics* 12 (junho 2014): 313–31.
6. Timothy Frye, *Weak Strongman: The Limits of Power in Putin’s Russia* (Princeton: Princeton University Press, 2021).
7. Ver Thane Gustafson, *Wheel of Fortune: The Battle for Oil and Power in Russia* (Cambridge, Estados Unidos: Harvard University Press, 2012).

8. Larry Diamond, “Facing Up to the Democratic Recession”, *Journal of Democracy* 26 (janeiro 2015): 141–55.

9. Ver, por exemplo, Catherine Belton, *Putin’s People: How the KGB Took Back Russia and Then Took On the West* (Nova York: Farrar, Straus, and Giroux, 2020).

10. Angela Stent, *Putin’s World: Russia Against the West and with the Rest* (Nova York: Twelve, 2019).

11. Adam Przeworski, *Democracy and the Market: Political and Economic Reforms in Eastern Europe and Latin America* (Nova York: Cambridge University Press, 1991), 86.

12. Aleksandar Matovski, *Popular Dictatorships: Crises, Mass Opinion and the Rise of Electoral Authoritarianism* (Nova York: Cambridge University Press, 2021).

13. Ver David Lipton e Jeffrey D. Sachs, “Russia’s Prospects for Economic Reforms”, *Brookings Papers on Economic Activity*, n. 2 (1992), 220; e Anders Åslund, *Russia’s Capitalist Revolution: Why Market Reform Succeeded and Democracy Failed* (Washington, D.C.: Peterson Institute for International Economics, 2007), 91.

14. Os dados são do Banco Mundial, <https://data.worldbank.org/indicator/BX.KLT.DINV.CD.WD?locations=RU>.

15. Ver <https://hdr.undp.org/sites/default/files/Country-Profiles/RUS.pdf> e o Índice de Desenvolvimento Humano das Nações Unidas para valores de desenvolvimento relativo para 189 países do mundo em 2020, disponível em <https://hdr.undp.org/en/content/latest-human-development-index-ranking>. Em 2020, o IDH da Rússia ficou abaixo dos de Cazaquistão, Croácia, Eslováquia, Eslovênia, Hungria, Letônia, Lituânia, Montenegro, Polônia, República Tcheca e Romênia. Com um IDH de 0,824 em 2020, ocupava apenas a 52ª posição geral, logo acima de Belarus, com 53, e da Bulgária, com 56.

16. Ver <https://www.statista.com/statistics/262860/uk-brent-crude-oil-price-changes-since-1976> para os preços médios anuais do petróleo para o petróleo bruto de 1976 a 2022.

17. Fish, “What Has Russia Become?”, 329–30.

18. Gulnaz Sharafutdinova, “The Pussy Riot Affair and Putin’s Démarche from Sovereign Democracy to Sovereign Morality”, *Nationalities Papers* 42 (julho 2014): 615–21.

19. Greene e Robertson, *Putin v. The People*, 35. Ver também Regina Smyth e Irina Soboleva, “Looking Beyond the Economy: Pussy Riot and the Kremlin’s Voting Coalition”, *Post-Soviet Affairs* 30, n. 4 (2014): 257–75.

20. Greene e Robertson, *Putin v. The People*, 37. Ver também Katie Riley, “Russia’s Anti-Gay Law in Line with Public’s Views of Homosexuality”, *Pew Research Center*, 5 agosto 2013, www.pewresearch.org/fact-tank/2013/08/05/russias-anti-gay-laws-in-line-with-publics-views-on-homosexuality; e Valerie Sperling, *Sex, Politics and Putin: Political Legitimacy in Russia* (Nova York: Oxford University Press, 2014).

21. “How Many Russians Have Been Killed in Ukraine?”, *Economist*, 8 março 2023, www.economist.com/graphic-detail/2023/03/08/how-many-russians-have-been-killed-in-ukraine. Note-se que os números citados pela revista vêm de um relatório de Seth Jones, Rile McCabe, e Alexander Palmer, do Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais, datado de 27 fevereiro 2023: www.csis.org/analysis/ukrainian-innovation-war-attrition.

22. Ver “Russia’s January Budget Deficit Estimated at 1.76 Trillion Rubles, 60 Percent of Plan—Finance Ministry”, Interfax, 6 fevereiro 2023, <https://interfax.com/newsroom/top-stories/87697/>.

23. O Serviço Federal de Estatísticas Públicas da Rússia parou de publicar grande parte de seus dados sobre comércio exterior em 2022, mas o Instituto de Finanças Internacionais (IIF), entre outros, forneceu estimativas com base em relatórios do Banco Central russo. Essa estatística sobre importações vem de “Macro Notes—China Steps in to Supply Russia”, 1º fevereiro 2023. Sobre o colapso da indústria automóvel russa, ver comunicado de imprensa da Associação de Empresas Europeias, 6 fevereiro 2023, <https://aebrus.ru/upload/iblock/eec/ENG-Car-Sales-in-January-2023.pdf>. Para as taxas de inflação mensais e históricas da Rússia, ver Fundo Monetário Internacional, www.imf.org/en/Countries/RUS.

24. *Izvestiia*, 9 novembro 2022.

25. “Russia: War’s Supersized Repression”, Human Rights Watch, 12 janeiro 2023, disponível em www.hrw.org/news/2023/01/12/russia-wars-supersized-repression.

26. Ver os dados do Levada Center de dezembro de 2022, que indicam que o índice de aprovação de Putin foi de 81%: www.levada.ru/en/ratings; e, sobre o conflito com a Ucrânia, ver os dados de novembro 2022 (os mais recentes disponíveis no momento em que este artigo era escrito): www.levada.ru/en/2022/12/12/conflict-with-ukraine-november-2022.

27. www.levada.ru/en/2022/12/12/conflict-with-ukraine-november-2022/.

28. www.levada.ru/en/2022/10/28/society-under-stress/.